

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ORIN

By Manuel Alves
Copyright 2012 Manuel Alves
Smashwords Edition

Índice

[ORIN](#)

[O autor](#)

Não há Luz nem Trevas. O que sempre houve, desde O Início, foi uma vontade. Essa vontade sempre se chamou Orin. Nem alfa nem ómega. Nem macho nem fêmea. Nem mortal nem imortal. Apenas existia em plenitude, porque era Tudo. N’O Início nem sequer havia Início, pois nada havia ainda verdadeiramente começado. Orin não vivia propriamente, pois a ausência de morte dispensava a definição do seu oposto. Como a sua própria existência significava Tudo, Orin sabia tudo o que havia para saber. E como Orin era tudo o que existia, e tudo o que havia para saber, Orin era feliz. Na verdade, não sabia se era feliz ou não. A ausência de infelicidade dispensava a definição do seu oposto. Por determinados períodos de tempo, que hoje podemos definir como milénios, Orin deixava-se permanecer num estado ao qual hoje designamos por sono. O sono de Orin era sempre calmo e tranquilo, como aliás era tudo o que envolvia a sua forma. Tudo o que envolvia Orin, nos milénios em que os seus olhos se encontravam despertos, era claridade. Quando Orin se deixava dormir a sua forma era envolvida por sombra. Orin nunca sonhava, pois não havia nada com o que sonhar. Orin era Tudo e bastava-lhe essa percepção. Não tinha desejos e não precisava de sonhar com eles. Após acordar de um dos seus sonos milenares, Orin pestanejou. Orin nunca havia pestanejado antes. Nunca sentira essa necessidade. Na verdade, nunca sentira necessidade alguma. Os seus olhos sempre se mantiveram abertos durante o seu tempo de claridade. Apenas se fechavam para o seu sono milenar. No entanto, Orin pestanejou. Após esse breve instante, que hoje medimos como sendo um dia, o seu coração sobressaltou-se no seu peito. Nunca antes Orin sentira o seu coração. Nem mesmo sabia que tinha um. Orin existia, e essa percepção sempre lhe bastara. Não obstante, o seu coração sobressaltou-se e os seus olhos pestanejaram novamente. Não só sentia o seu coração a bater-lhe no peito, mas também o peito se enchia e esvaziava com a entrada e saída de ar. Orin nunca antes respirara. O que é ar?

— É aquilo que respiras — soou uma voz na mente de Orin.

Orin nunca tinha ouvido falar. Nunca falara.

— Escuta a minha voz.

O que é voz?

— É o som que sai da minha boca — continuou a voz. — Tu também podes fazê-lo.

— Posso? — respondeu Orin.

Foi a primeira vez que falou.

— Posso! — repetiu com verdadeiro espanto.

Orin nunca antes se espantara.

— Podes tudo o que quiseres, criança — afirmou a voz.

O que é criança? E o que significa querer? Pela primeira vez, Orin sentiu-se confuso. Já não era Tudo. Um simples pestanejar mostrou-lhe que Tudo era um conceito imensamente maior do que a realidade que sempre apreendera.

— Quem és?

Orin deu por si a perguntar como se sempre tivesse falado em todos os milénios em que existiu.

— Sou O Fim — respondeu a voz sem sentimento.

— O que é *Fim*?

— É o oposto de Início — esclareceu a voz. — Já sabes falar mas ainda não sabes o que muitas palavras significam. Não tarda, saberás Tudo.

— Eu sempre soube Tudo.

— Não, criança. O que tu soubeste sempre foi Nada.

Orin buscou a origem da voz por toda a claridade. Agora que os seus olhos pestanejavam a sua visão já não era absoluta. Em cada pestanejar pequenas porções de tempo escapavam-lhe. Porções de tempo em que algo mais do que tempo podia escapar-lhe. Antes, nada escapava aos seus olhos sempre abertos.

— Onde estás?

A pergunta ficou no ar e a claridade não lhe devolveu a resposta.

Orin voltou a perguntar. A claridade permaneceu muda.

E perguntou novamente.

— Onde estás?

A voz porém permaneceu negada.

Orin mexeu as pernas. Nunca antes as sentira. Mexeu-as e correu por toda a claridade. Na verdade, não por toda. A claridade sempre lhe pareceu limitada e ilimitada ao mesmo tempo. Orin percebeu verdadeiramente a razão dessa percepção contraditória. Era limitada porque era ilimitada.

— Não compreendo.

Acabou por desistir da sua busca infrutífera.

— Não tens de me procurar, criança — a voz fez-se ouvir novamente.

— Onde estás? — perguntou Orin, com irritação.

O seu temperamento nunca se alterara antes.

— Com o tempo, o entendimento virá — continuou a voz, sem responder à pergunta. — Com o tempo, virás a saber verdadeiramente Tudo. Com o tempo, aprenderás que o retorno é sempre o mesmo. É assim que o círculo existe e se encerra em si mesmo. Tu és o círculo, criança.

— Onde estás?

Orin não sabia verdadeiramente o que era um círculo, nem entendeu de modo algum a metáfora entoada pela voz. Tudo o que Orin desejava era uma resposta para a sua pergunta. Orin nunca antes desejara nada.

— Será doloroso, criança. Viver o que terás de viver. Saber o que terás de saber. Ser o que terás de ser.

— ONDE ESTÁS?

Orin gritou e a sua voz percorreu a claridade sem o retorno do eco. Nunca antes gritara e doeu-lhe a garganta. Dor. Orin também nunca a sentira.

— Estou em ti — respondeu a voz, por fim.

— Em mim?

A confusão de Orin causou-lhe um desconforto imensamente mais sufocante do que a dor sentida na garganta.

— Em ti.

Orin sempre soubera Tudo. Afinal, o que sempre soubera foi Nada.

— Quem sou eu?

Ignorância. Orin soube imediatamente que a falta de conhecimento sempre seria um dos maiores tormentos.

— Quem sou eu? — voltou a perguntar.

Orin era Orin. Sempre foi. Mas Orin não sabia que se chamava Orin. Nunca houve mais ninguém para haver necessidade de se identificar. Nunca houve necessidade de se chamar a si.

E voltou a perguntar.

Nenhuma resposta.

A voz silenciou-se novamente.

Orin perguntou novamente. O seu desejo mais forte era apenas saber quem era. A claridade não lhe deu a resposta.

— QUEM SOU EU?

A sua voz elevou-se novamente num berro de palavras irritadas.

— És O Início — e a voz silenciou-se para sempre.

Orin sentiu-se diminuir. Sentiu-se diminuir de importância.

— O Início?

Orin sentiu-se esvaziar. Antes, sempre sentira uma plenitude preenchidora. Não tinha essa percepção. Mas é assim que se sente a plenitude. Não se tecem considerações acerca de absolutamente nada. Tudo é pleno, e está definido e justificado por si só.

— O Início?

Orin sentiu uma enorme tristeza. Olhou à sua volta, com os seus olhos que pestanejavam, e achou toda aquela claridade vazia. Viu-a como uma folha de papel em branco. E foi nisso que Orin pensou. Pensou numa folha de papel, apesar de ainda não existir papel nem folhas. Orin apenas pensou que seria um bom nome para a claridade branca que via. Folha de papel. Orin achou todo esse branco pobre e triste, e sentiu vontade de criar. Mas tudo o que Orin conhecia era a sua própria forma. E mesmo o seu corpo não o conseguia ver na totalidade. Criar o quê? A imaginação ainda não existia. Orin sentiu a sua tristeza crescer e o seu corpo tremeu de frio.

— Frio? — sussurrou Orin, olhando para a pele arrepiada dos seus braços.

Nunca antes lhe apetecera olhar para os seus braços. Nunca antes se apercebera de que tinha uns. No entanto, gostou de olhar para os seus braços e de saber que tinha uns. E ficou demoradamente a olhar para eles. Para a sua pele arrepiada. A palavra *frio* tornou-se mais clara no seu entendimento. É preciso viver para sentir. Antes, Orin não vivia. E agora que sentia que vivia... sentia. Sentia que podia sentir. Orin não gostou da sensação do frio. Mas gostou de o poder sentir. Os seus olhos que já pestanejavam percorreram os braços e detiveram-se nas suas mãos.

— Criar? — a palavra veio-lhe ao pensamento quando Orin olhou as suas mãos.

Ao olhar para as suas mãos, Orin soube que seriam óptimas ferramentas para criar. Soube isso como se sempre o tivesse sabido. E achou que dedos seria um bom nome para chamar aos dedos. Orin soube que as suas mãos teriam de criar Tudo, pois tudo o que antes existiu foi verdadeiramente Nada. Orin sorriu. A ideia de criar fez o seu coração bater mais depressa, ressoando-lhe no peito. Orin nunca tinha antes sorrído. Gostou francamente.

— Criar!

O sorriso tornou-se um ávido entusiasmo.

Orin ergueu as mãos na frente do rosto e mexeu os seus dedos energicamente, abrindo e fechando as mãos. Nunca antes perdera um único instante a pensar se teria um rosto, ou sequer se precisaria de ter um. Mas

pareceu-lhe que as suas mãos estavam em frente a algo que se parecia com um rosto, e *rosto* pareceu-lhe um bom nome para algo parecido com aquilo. Algo lhe disse que a dada altura existiriam muitos rostos parecidos com muitas coisas e muito parecidos entre si. Esse pressentimento encheu Orin com mais vontade ainda de criar.

— Criar? — a palavra saiu-lhe perdida em desânimo.

Criar o quê?

Orin ainda não decidira. Ainda não sabia.

Os seus olhos que já pestanejavam bem, como se sempre tivessem pestanejado, olharam novamente para a claridade branca e Orin sentiu-se incomodado pela falta de Tudo. Orin não sentiu falta de Tudo o que era, mas sim a falta de Tudo que sentiu que deveria haver. A vontade de sorrir abandonou Orin e Orin sentiu um ardor nos olhos. Já antes sentira ardor na garganta. Mas o ardor dos olhos era diferente. A sua visão turvou-se e, pela primeira vez, Orin teve a sensação de quente. Levou a mão ao rosto e experimentou também a sensação de molhado. Lágrimas. Lágrimas nas pontas dos dedos. Orin sentiu a necessidade de as sentir com os lábios. Salgadas. Gostou do toque dos dedos nos lábios mas não gostou do sabor das lágrimas. Contudo, Orin gostou da palavra. Lágrimas. Não das lágrimas em si, mas da palavra. E gostou também de saber que tinha uma boca. Deu-lhe vontade de querer provar coisas. Mas *coisas* pareceu-lhe imediatamente um conceito vago. Cada vez mais sentia a necessidade de criar coisas que preenchessem o lugar dessas coisas. Orin provou cada um dos dez dedos das mãos. Todos lhe souberam ao mesmo sabor. Depois de provar o sabor dos seus braços concluiu que toda a sua pele sabia a pele. Depois de saber o seu sabor, Orin sentiu uma irresistível vontade de saborear mais. Mais. Mais e mais. Mas mais não havia. Nada além da claridade. Não de uma maneira que pudesse ver. Orin abriu a boca e saboreou o ar. Era um sabor diferente da pele. Mas isso não animou Orin. O ar soube-lhe a nada. Nada. A palavra *nada* começava a irritar Orin. Frustrava a sua vontade. Desafiava-a e frustrava-a.

— CRIAR!

A palavra de Orin soou como um trovão pela claridade.

A primeira tempestade não havia ainda varrido o céu, mas pareceu a Orin que *trovão* seria um bom nome para chamar a um som forte e grave que se propaga pelo ar e impõe respeito aos seres mortais. Cada vez mais, a confusão de sentir a urgência de criar sem saber o que criar fez crescer em

Orin uma angústia dolorosa. O que é céu? E por que razão haveria o trovão de pertencer a essa coisa que lhe apeteceu chamar de céu? E... *seres mortais*?

Orin sentiu a derrota de tamanha sucessão de termos sem significados.

As suas pernas cederam e os seus joelhos deixaram-se embater no chão sem a perspectiva da dor que iria provocar. E provocou. Dor. Dor dolorosa. Orin ressentiu-se do desconforto.

— Merda!

Orin não sabia verdadeiramente nenhum dos significados de *merda*, mas antes também não sabia o significado de *chão* e, agora que os seus joelhos se feriram nele, imediatamente entendeu o chão como sendo chão. E também ficou a saber que tinha joelhos, e que quando os joelhos caem no chão podem sangrar.

E os joelhos de Orin sangraram. Sensação a quente novamente. Orin provou o seu sangue. Também lhe soube mal. Pior do que as lágrimas. E o sabor da pele também não lhe pareceu nada de especial. Orin achou que todo o sabor do seu corpo sabia mal. Teve a sensação de que seria sempre errado comer da sua própria carne e beber do seu próprio sangue. Orin não soube perceber bem porquê. Sentiu apenas que seria sempre errado. Orin chorara e sangrara. Nenhuma das experiências fora agradável. Depois de ter experimentado coisas desagradáveis, Orin começou a perceber o que seriam coisas agradáveis. Ou, pelo menos, não-desagradáveis. Sorrir foi não-desagradável. Orin achou piada à expressão *não-desagradável* e sorriu novamente. Contudo, apesar de achar piada à expressão, achou que seria melhor usar a palavra *agradável*. Era mais agradável para a língua. E todos os seres mortais precisariam de falar correctamente a sua língua para se entenderem.

Orin não compreendeu imediatamente a necessidade de linguagem, uma vez que apenas Orin existia. Apenas falara com a voz. Mas a voz não mais lhe falaria. Nunca mais, até a'O Fim de tudo o que viria a existir. E Orin compreendeu ainda menos a razão de se ter lembrado novamente dos tais *seres mortais*.

Depois de passar o quente que sentiu nos joelhos, Orin arreganhou os dentes quando o ardor lhe queimou as articulações doridas. Deixou-se cair de lado, no chão. Desta vez com mais cuidado. Orin não queria magoar-se também no cotovelo. Chamou à articulação do braço cotovelo por razão nenhuma. Era mais uma articulação e podia perfeitamente ter-lhe chamado

também joelho. Mas pareceu-lhe que cotovelo seria melhor. E também gostou de descobrir que tinha dentes. Orin apoiou o cotovelo no chão e a cara na mão. Abriu e fechou a boca várias vezes, batendo os seus dentes recém-descobertos. O movimento causou-lhe algum desconforto por causa da pressão da mão na articulação do maxilar, junto ao ouvido. Orin deu por si a pensar em quantas articulações existiriam na sua forma acabada de descobrir. Imediatamente soube a resposta, como se sempre a tivesse conhecido. E *maxilar* também lhe pareceu um bom nome para chamar às coisas onde se prendem os dentes. E *ouvido* também assentou bem naquilo que faz ouvir. Orin começou a perceber que sabia as coisas mesmo sem saber que as sabia. Veio-lhe imediatamente ao pensamento a suposição de que certamente também saberia criar.

Orin suspirou e deixou-se descair, assentando as costas no chão. Gostou da sensação de ter costas. Assentaram perfeitamente no chão. Soube logo que uma das funções das costas seria encostar. Os seus olhos que já pestanejavam olharam para cima com um ar sonhador. Orin não sabia o que era sonhar, mas gostou da sensação que a ideia lhe deixava no interior do peito. Quanto mais pensava no significado de sonhar, mais lhe parecia que a claridade que via por cima de si ficaria melhor com alguma cor não-branca. Não percebeu imediatamente o que era uma cor mas, ainda assim, pensou em azul. Também não soube logo o que seria *azul*, mas concluiu que seria uma cor e isso bastou-lhe.

Orin deu por si a imaginar. Deu por si a fazê-lo e perguntou-se o que significaria *imaginar*. Depois percebeu que já sabia o que era, pois acabara de o fazer. Orin olhou para a claridade do seu céu branco e imaginou-o de azul. Assim, a cor azul do céu foi a primeira coisa a ser imaginada.

Orin sorriu francamente. Imaginar apresentou-se imediatamente como algo divertido. E algo divertido pareceu-lhe que seria qualquer coisa como, por exemplo, continuar a imaginar. E Orin continuou a imaginar.

Orin começou a imaginar que, por baixo de qualquer céu azul que se preze, teria de existir uma miríade de coisas. A palavra *miríade* soou-lhe desde logo bem e agradavelmente infundável. E desde logo também decidiu que as coisas sempre se chamariam coisas. Orin achou que não haveria nada a fazer nesse sentido. As coisas seriam sempre tantas que muitos dos seres mortais não saberiam todos os nomes para lhes chamar.

Os *seres mortais* novamente.

O sobrolho de Orin enrugou-se numa expressão pensativa. As rugas de expressão pareceram-lhe algo divertido de se fazer, mas não tão agradável de se manter. Orin decidiu nesse momento que nunca teria rugas definitivas. Pareceu-lhe instintivamente que uma divindade não deveria deixar-se afundar em sinais de decadência física. Orin enrugou novamente a expressão por não encaixar logo no seu entendimento o significado de *divindade*. No entanto, pareceu-lhe que a palavra lhe assentava bem e gostou dela. Gostou da palavra *divindade* e lembrou-se novamente dos seres mortais. Sentiu uma desconfortável estranheza por se lembrar de coisas que de facto ainda não existiam. A sua vontade de criar aumentou ainda mais. Suspirou novamente. Quanto mais olhava o céu mais lhe parecia azul. Ainda que não soubesse propriamente reconhecer a cor azul. Todavia, os seus olhos que pestanejavam começaram a perceber que o céu cada vez mais começava a ser não-branco. Os olhos de Orin haviam pestanejado muitas vezes desde que acordara. Orin sentiu algo que nunca sentira antes. O que não foi grande surpresa, pois nunca antes havia verdadeiramente sentido. Contudo, essa sensação desagradou a Orin ao mesmo tempo que lhe agradou. Desagradou-lhe porque lhe fez escoar a vontade de continuar a criar e a imaginar e a criar e a imaginar. E agradou-lhe porque lhe trouxe uma sensação de relaxamento e abandono. Foi a primeira vez que Orin sentiu relaxamento e desejou descansar. Pela primeira vez, Orin sentiu cansaço. Durante o tempo de muitos pestanejares, Orin descobrira muitas palavras e imaginara a cor azul do céu. Contudo, não havia ainda criado verdadeiramente nada. Essa ideia aumentou o cansaço de Orin e a sua vontade de descansar. Orin sentiu cansaço e sentiu que a única coisa a fazer quando se sente cansaço é descansar.

Orin fechou os olhos e, pela primeira vez, sonhou.

Orin sonhou com infindáveis listas de palavras novas. Sonhou com coisas que sempre se chamariam coisas. Sonhou com coisas que nunca se chamariam coisa alguma. Mesmo na percepção limitada do sonho, Orin percebeu que o sonho é abundante em coisas com falta de sentido. A maior parte das vezes, todo o sonho tem falta de sentido. Orin sonhou com os seres mortais e, durante o seu sono, o seu rosto encheu-se de desagradáveis rugas de expressão. Sempre que se lembrava desses *seres mortais* falhava em entender o seu significado e o porquê da sua necessidade. No entanto, sabia que a necessidade da sua criação subsistia. Orin lembrou-se dos seres mortais no seu sonho e voltou a esquecê-los. Depressa se apercebeu que,

para a sua vontade, não existia grande diferença entre sonho e realidade. Orin não soube imediatamente definir o sonho. E tão-pouco soube definir a realidade. Ambos eram coisas novas para Orin. Para Orin definir o sonho, primeiro, teve de acabar de o sonhar. E acabou. Quando acordou, Orin sentiu a necessidade acrescida de definir a realidade. De a criar. E meteu mãos à obra.

Orin começou a criar as coisas com que sonhou.

A primeira de todas as coisas criadas foi o céu. Logo que acordou, Orin soube imediatamente o que era a cor azul e por que razão teria de pintar o céu com ela. E assim fez. Orin ergueu-se e estendeu os braços para cima. Pareceu-lhe bem que o céu ficasse sobre a cabeça, ao mesmo tempo que achou adequado chamar cabeça à cabeça. Já tinha pensado nela mas nunca a tinha verdadeiramente nomeado. Como um escorrer de aguarela que desce pelo papel branco, todo o espaço sobre a sua cabeça se tingiu de azul. Orin não sabia o que era aguarela mas pareceu-lhe uma boa comparação. Tudo à sua volta ficou dividido. Sobre a sua cabeça, azul. Sob os seus pés, branco. Orin percebeu logo que teria muito trabalho pela frente.

Orin gostou tanto da cor azul do céu que achou que o chão a deveria reflectir também. Como longe vinha ainda o rasgo de génio em que alguém inventaria um espelho, Orin lembrou-se de algo que poderia devolver o reflexo do céu. Orin esqueceu momentaneamente o significado de *alguém* e lembrou-se das lágrimas que chorara, e de como a sua liquidez reflectiu a claridade branca nos seus dedos. Por sua vontade, Orin chorou novamente. Dois fios de lágrimas escorreram dos seus olhos e juntaram-se no queixo. O seu rosto inclinou-se para o chão e do queixo verteu um imenso oceano. A lágrima caiu na claridade do chão e espalhou-se sob os pés de Orin como uma gota de céu num lago cristalino. Ao lembrar-se de tinta, lembrou-se de aguarela, e ao lembrar-se de lagos, lembrou-se que também teria de os criar. Olhou para baixo e sentiu satisfação pelo seu oceano. Orin pensou por momentos que deveria chamar fonte ao queixo, mas achou melhor chamar-lhe queixo mesmo. Também teria de criar muitas fontes para a água doce. Gostou do significado transmitido pela palavra *água*. Significava... Significava... Uma outra coisa que ainda teria de criar. Mas Orin soube que criaria essa mesma coisa no seu tempo certo, e apenas ponderou brevemente o porquê de ter concluído necessitar de criar fontes para fazer brotar água doce. Lembrou-se do sabor salgado das suas lágrimas. Agachou-se e molhou os dedos na água do oceano. Salgada também. Não

gostou particularmente do sabor nem do nome. Oceano. Orin decidiu que também lhe poderia chamar mar. E gostou mais dessa palavra. Orin apreciou a sua obra e começou a caminhar sobre a superfície do mar. Não foi o mesmo que caminhar antes sobre o chão. Não era melhor nem pior. Apenas diferente. E, em certa medida, um tanto divertido. Mal pensou na palavra divertido, Orin gostou do seu significado. A sua existência passara a ser mais divertida do que a memória da existência anterior a ter pestanejado. A superfície do mar pareceu-lhe mais macia do que a do chão anterior. E a ideia de uma superfície macia pareceu-lhe agradável.

Orin sentou-se na superfície macia do mar. Os seus joelhos doeram-lhe de antes ter caído. Orin tocou-lhes e as feridas cicatrizaram. Orin sentiu uma inexplicável plenitude naquele gesto de curar. Curar. A palavra soou-lhe a algo benéfico. Curar soou-lhe a isso, mas Orin não conhecia ainda o significado de *maléfico* para entender verdadeiramente o significado de *benéfico*. Pensando apenas no que seria benéfico, uma vez que já tinha criado o céu e o mar, pareceu-lhe benéfico deitar-se para trás e deixar-se embalar pelo suave ondular da água. Afastou os braços e as pernas e deixou-se estar de ventre para cima a contemplar a sua primeira criação. Sentiu uma sensação boa ao descobrir que tinha uma parte de si chamada ventre. Pareceu-lhe que ventre significava mais do que ventre. Pareceu-lhe que significava algo mais que... Algo que ainda faltava criar. Orin pousou uma das mãos sobre o ventre e sentiu vontade de o acariciar. Sentiu que não eram só as suas mãos que podiam criar. Mas não lhe ocorreu nada que o ventre pudesse criar.

Orin gostou do embalar das ondas. E gostou também de chamar ondas às ondas. E depois quis que as ondas embalassem mais. Pareceu-lhe uma boa altura para criar o vento. Orin sentou-se novamente sobre o mar e soprou as suas águas calmas. O sopro cresceu em vento e elevou-se a ondulação do mar. Por alguma razão, Orin não gostou muito de ver o mar agitado e acalmou novamente as suas águas. No entanto, manteve a criação do vento. Achou que acabaria por servir para alguma coisa para além de agitar o mar. Orin lembrou-se de outro nome para chamar ao vento. Chamou-lhe *brisa* e gostou mais. Achou uma brisa mais agradável do que o vento. A brisa agitou-lhe os cabelos negros sem causar verdadeiro incómodo. Foi uma agradável descoberta, o cabelo. Orin surpreendeu-se por nunca antes ter reparado que tinha cabelo. Longo, liso e negro. Se antes lhe tivesse sido dado a escolher como queria o seu cabelo, de certeza que teria dito que o

queria assim. Foi talvez por isso que o cabelo de Orin surgiu exactamente como o desejaria. Os seus dedos deslizaram por entre os fios negros e Orin recordou-se dos seus sonos milenares. Longos. Escuros. Como os seus cabelos. Depois de se lembrar, soube que gostava mais dos seus longos cabelos dos que dos seus longos sonos. Orin olhou com verdadeiro prazer para os seus cabelos negros esvoaçantes e gostou do seu contraste entre o azul do céu e do mar. A sua cor negra pareceu-lhe a cor da terra fértil. Orin não soube imediatamente o que era *terra*, mas soube que fosse o que fosse, depois de a ter imaginado, tinha de a criar. E criou-a.

Orin deixou-se cair novamente de costas sobre a suave ondulação do mar. Orin olhou o céu e sorriu. Os longos cabelos negros cresceram ainda mais e espalharam-se pelo mar. A terra surgiu dos cabelos de Orin. Orin ergueu-se e admirou uma porção do que havia criado. Orin quis que a terra fosse vasta. Não soube logo porquê, mas soube que tinha feito bem assim. A sua vastidão serviria para... Para... Para algo que ainda teria de criar. Orin soube que, além de vasta, a terra teria de ser firme para suportar o peso de muitas coisas. E soube isso porque eram muitas as coisas que ainda lhe faltava criar. Ocorreu a Orin que a terra teria de possuir alicerces firmes para não se afundar no mar. Logo que lhe ocorreu tal ideia, Orin debateu-se com o que significaria *afundar-se*. E afundou-se no mar.

O corpo de Orin submergiu nas águas e maravilhou-se com a sua claridade líquida. No entanto, sentiu que faltavam muitas coisas ao mar. E que a essas coisas que teriam de ser criadas faltava ainda uma outra que... Que... Que precisaria de ser criada.

Orin mexeu os braços e as pernas e gostou de verificar que acabara de aprender a nadar. Aprendeu a nadar e inventou a natação ao mesmo tempo. Orin sentiu satisfação por tamanha proeza. Ainda não tinha criado duas coisas em simultâneo. Orin sentiu uma estranha e desconfortável pressão no peito e achou uma inesperada dificuldade em ver-se livre do ar que tinha nos pulmões. Não gostou de se ter lembrado da palavra pulmões nem da falta que eles têm de renovar o ar. Além do mais, dentro da água, a sua visão era mais turva. Sobre a superfície da água o ar saía-lhe dos pulmões sem se ver, mas sob ela formava pequenas bolhas que subiam até à superfície. Orin gostou de ver essas bolhas e ajustou os seus olhos para que também pudessem ver claramente debaixo de água. Para apreciar melhor a sua mais recente criação, decidiu que também respiraria na água tal como o fazia fora dela. E ficou a contemplar a ascensão das bolhas que acabara de

criar. *Bolhas* pareceu-lhe um nome francamente estúpido, mas achou que a estupidez também teria o seu papel na ordem das coisas que ainda faltava criar. E Orin chamou bolhas às bolhas. Também poderia ter decidido chamar-lhes *pataniscas*, mas decidiu que deixaria coisas por criar. Orin decidiu que as pataniscas não seriam uma criação sua. Decidiu que as pataniscas seriam criadas por outra coisa... Outra coisa... Outra coisa que ainda teria de criar. Assim, Orin decidiu que as pataniscas seriam uma criação de outra criação. Veio-lhe ao pensamento a expressão *subproduto*. Após se ter debatido com o possível significado do termo, Orin decidiu que a criação das pataniscas não era da sua conta, pois ainda nem sequer tinha criado o bacalhau. E antes de começar a interrogar-se acerca do que viria a ser o bacalhau, achou que definitivamente não criaria as pataniscas porque também ainda nem sequer tinha criado as galinhas para pôr os ovos, nem o grão para fazer a farinha. Apesar de pôr definitivamente de lado a hipótese de criar as pataniscas, Orin gostou da palavra. Gostou da palavra *patanisca* e sorriu. Acabara de criar mais uma palavra estúpida. Mas o seu sorriso durou pouco. Logo se lembrou das palavras *galinha* e *ovo*, e Orin irritou-se verdadeiramente por não conseguir decidir imediatamente qual dos dois criaria primeiro. Irritou-se a sério e decidiu sair da água. Decidiu que deveria criar o bacalhau primeiro. Contudo, ao sair da água, Orin sentiu que ainda não era tempo de criar o bacalhau. Faltava-lhe criar muitas coisas antes disso. Uma coisa em especial para que o bacalhau pudesse existir. Uma coisa... Uma coisa.... Uma coisa que ainda tinha de criar.

Orin voltou a caminhar sobre o mar. Achou agradável a sensação da água a escorrer-lhe pelo corpo. Apesar disso, a frescura da brisa causou-lhe um ligeiro desconforto. A sua pele arrepiou-se. Novamente a sensação de frio. Veio-lhe ao pensamento a palavra fogo. Algo lhe disse que o fogo seria quente e agradável de sentir quando se tem frio. Mesmo sem entender o porquê do gesto, Orin deu por si a esfregar as mãos uma na outra e a senti-las aquecer. E continuou a esfregar. E as mãos continuaram a aquecer. Orin acreditou que se continuasse a esfregar e a aquecer as mãos algo aconteceria. E aconteceu. Do calor das suas mãos acendeu-se uma faísca que incendiou o ar numa pequena bola de fogo. Orin gostou da palavra *faísca*. E gostou ainda mais do facto de a faísca ter incendiado o ar. Antes, não sabia que o ar podia ser incendiado. E muito menos que podiam ser as suas próprias mãos a fazê-lo. A criação do fogo foi uma agradável surpresa para Orin. Mas essa bola de fogo era pequena e aquecia pouco. Pareceu a

Orin que uma bola de fogo maior seria necessária para aquecer todo o mar e a terra que tinha criado. Convenceu-se logo de que o mar e a terra precisavam de um *sol*. A cada palavra que criava, Orin gostava mais da naturalidade com que lhe saía do pensamento. Simplesmente lembrou-se de chamar *Sol* à bola de fogo, e Sol lhe chamou. Já no que diz respeito à palavra *bola* ainda pensou por instantes em trocá-la pela palavra *bolha*. A bola de fogo tinha uma forma semelhante às bolhas de ar que tinham saído dos seus pulmões. Mas Orin logo descartou essa possibilidade. Pareceu-lhe tremendamente estúpido referir-se ao Sol como a bolha de fogo que brilha no céu. Orin riu estupidamente. Soube de imediato que dar nomes estúpidos às coisas seria motivo de piada. Tal como soube que o lugar do Sol era no céu. Então, Orin fez crescer o Sol e atirou-o para o céu. Sentiu satisfação com o calor que de imediato lhe acariciou o corpo. E reparou também que o dia tinha ficado mais claro. A palavra *dia* fez-lhe lembrar a claridade que preencheria com o céu, o mar, a terra e o Sol. Orin lembrou-se de como essa claridade se reflectira nas suas primeiras lágrimas e de como isso lhe deu a ideia de criar o mar para reflectir o céu. Contudo, Orin reparou que o mar apenas reflectia o céu e nada mais. Foi para esse exclusivo propósito que Orin criara o mar. Mas fê-lo porque antes não existia mais nada que quisesse ver reflectido. Todavia, Orin também já tinha criado a terra e depois o Sol. Pareceu-lhe justo que também a terra e o Sol pudessem ser reflectidos no mar. Então, como ainda teria de criar muitas coisas, e francamente não queria estar com o trabalho de estar a escolher *o mar vai reflectir isto e não vai reflectir aquilo*, Orin decidiu que o mar simplesmente reflectiria tudo o que estivesse acima do nível da sua água. E assim se fez. De repente, o mar passou a reflectir o céu, a terra e o Sol. E Orin. Orin olhou para baixo e viu o seu reflexo. Viu o seu corpo e gostou do que viu. Era um belo corpo. Gostou da sua própria nudez. Não soube bem o que sentir em relação à nudez. Soube apenas que viria a ser sentida de muitas formas. Decidiu senti-la à sua maneira. Orin tocou-se por todo o corpo, olhando o seu reflexo. Olhou-se e pensou no homem e na mulher. Pensou em ambos e em si. Pensou e voltou a pensar. E pensou ainda mais. Pensou no homem e na mulher e não soube dizer qual dos dois foi, era ou deveria ser. Orin determinou que seria ambos até se decidir. E depois sentou-se no mar e meditou acerca do que poderiam ser essas coisas de *homem e mulher*.

Após longa meditação de milénios em que apenas o céu, o mar, a terra e o Sol existiram – e Orin, agora que Orin se vira completamente também sabia que existia – bem, depois desses milénios de incansável ponderação, Orin descobriu o significado de *homem* e *mulher*, e o que esse significado significava. Significava a coisa mais importante que lhe faltava criar.

Orin ergueu o seu traseiro do mar. Imaginou a primeira forma geométrica angular quando sentiu que o seu traseiro quase ficara quadrado de ter permanecido tanto tempo sentado. Mas valeu a pena, porque descobriu finalmente a coisa tão importante que tinha de criar. Ergueu-se e exclamou:

— VIDA!

Orin sorriu com a maior vontade de sorrir que algum ser que sorri pode acalentar. Sorrir era bom. Sabia bem. Sabia bem e era bom. Orin classificou o sorriso como a sua melhor criação. Olhou o céu, o mar, a terra e o Sol. Orin contemplou todas as suas criações. Mesmo assim, o sorriso pareceu-lhe a melhor delas. E voltou a sorrir.

Agora que Orin já sabia a coisa tão importante que tinha de criar, faltava-lhe criá-la. Os seus olhos pestanejaram pensativamente num inimaginável suceder de dias que pareceram não se esgotar jamais. Orin demorou tanto a pensar em como seria a vida que teria de criar, e de que maneira a criaria, que antes de o fazer resolveu que criaria primeiro o tempo. De algum modo, pareceu-lhe uma coisa necessária de se criar. Pois, se não criasse o tempo, de outro modo não saberia se estava a levar tempo de mais ou de menos a realizar a sua criação. E assim criou o tempo. Logo que Orin criou o tempo apercebeu-se de que demorara demasiado tempo a criar vida, mas que de facto ainda não tinha criado vida de maneira nenhuma. Orin começou a aperceber-se de algo verdadeiramente desagradável. Escapava-lhe o conhecimento dos ingredientes da vida. Os ingredientes e as medidas certas de cada um. E Orin aborreceu-se francamente por ainda não ter criado as medidas. Criara o tempo. O tempo também é uma medida. Mas não era a medida certa. Então, Orin resolveu-se a criar as medidas para classificar todas as coisas. E Orin aborreceu-se ainda mais. Para criar as medidas necessitava de uma referência. Orin não gostou da palavra referência. Nem da palavra medida. Ainda assim, já estava criada e não havia nada a fazer. Orin olhou para o céu, para o mar, para a terra e para o Sol. Essas coisas existiam e precisavam de ser medidas. Pareceu-lhe adequado que todas essas coisas fossem grandes. Mas grandes em relação a quê? Orin apenas criara coisas grandes. A única maneira de saber se eram realmente grandes

era criar coisas pequenas, para assim as poder comparar. Orin aborreceu-se ainda mais e pensou que se calhar seria melhor destruir tudo o que criara e voltar a existir na sua antiga claridade branca. Sem sentir verdadeiramente. Sem verdadeiramente ser. Não. Isso não. Orin gostava de sentir. E gostava francamente de *ser*. Jamais poderia voltar a não-sentir e a não-ser. O seu olhar entristeceu e desceu-lhe até aos pés. Orin contemplou o seu reflexo. Olhou para o seu corpo e o seu corpo pareceu-lhe uma boa medida. Lamentavelmente, também lhe pareceu que o seu corpo era demasiado grande. Orin voltou a sorrir. Concluiu que apenas tinha de criar outro corpo como o seu, mas de dimensões mais reduzidas. Voltou a pensar no *homem* e na *mulher*. Quanto mais se debatia com o seu problema das medidas, mais parecia a Orin que se aproximava de o resolver, e mais lhe parecia que a solução seria mesmo criar essa tal de *vida*. Orin voltou a contemplar tudo o que já tinha criado. Pareceu-lhe natural que essa vida que tinha de criar fosse a junção de partes justas e equilibradas de tudo o quanto já tinha criado. Essa conclusão pareceu-lhe acertada e Orin olhou para as suas mãos. Sentiu que era o momento de criar o que faltava.

Orin caminhou sobre o mar e dirigiu-se para a terra. Orin gostava verdadeiramente do mar, mas quando os seus pés assentaram sobre a terra sentiu uma grata e inexplicável sensação de segurança. Pareceu-lhe um regresso aliviado.

Orin inspirou fundo. Pareceu-lhe que seria uma boa coisa para se fazer, isso de inspirar fundo, antes de deitar mãos à obra. Orin sentou-se na praia. Olhou à sua volta e sentiu satisfação por se ter lembrado de chamar *praia* à praia. Há nomes que simplesmente ficam bem naquilo que identificam. As suas mãos fizeram uma bola de areia molhada. Imediatamente, Orin ficou a saber que era mais fácil fazer formas esféricas de ar no mar com os seus pulmões do que na areia da praia com as suas mãos. Então, Orin contentou-se com uma bola tosca. Também não tinha de acertar à primeira tentativa. Ainda estava a aprender a criar. Era portanto mais do que natural que a primeira forma de vida saísse algo imperfeita. Orin não gostou da palavra *imperfeita*. Soou-lhe a algo inacabado ou feito à pressa. Orin foi moldando a bola de areia tosca à medida que esquinava olhares para a superfície do mar, para o reflexo do seu corpo. A sua primeira criação de areia pareceu-lhe algo deformada. Ainda assim, Orin decidiu dar-lhe a tal *vida*. Fez uma concha com a mão e encheu-a de água do mar. De seguida atirou-a à sua criação e disse:

— VIVE!

A água do mar cobriu a criação e a criação deixou de ser de areia. Orin não gostou particularmente da forma atarracada e peluda que acabou de criar. Pegou-lhe por uma perna e atirou a sua criação para longe, algures sobre a terra. Assim não iria funcionar. Nova bola de areia. Desta vez, menos tosca. Mais cuidado. Mais empenho. Nova chapinhada de água salgada.

— VIVE!

Orin torceu o nariz e nasalou *hum...* Pareceu-lhe algo adequado para se fazer perante a insatisfação. Desta vez, a forma já saiu mais erecta e menos peluda. No entanto, Orin pegou-lhe por um braço e atirou a sua criação novamente para longe, algures sobre a terra.

Nova bola de areia. Desta vez, Orin conseguiu uma esfera quase perfeita. Veio ao pensamento de Orin o primeiro adágio a ser inventado. *À terceira é de vez.* Mais prática. Mais vontade de acertar na imitação do seu reflexo. Chapinhada de água do mar.

Desta vez, Orin não exclamou *VIVE* com entoação dramática. Achou desagradavelmente repetitivo e francamente desnecessário. Olhou então para a sua terceira tentativa de criar vida e sentiu uma mediana satisfação. Imediatamente soube que muitos adágios seriam apenas frases imbecis sem nenhuma base sustentável. *À terceira... as minhas nádegas!*, pensou Orin. Quando já se preparava para agarrar a sua criação por alguma parte do corpo e atirá-la para longe, a sua criação olhou para cima e contemplou o rosto de Orin.

— Quem sou eu? — perguntou a criação viva, que antes era uma bola de areia.

Orin olhou para a criação falante e imediatamente olhou para longe, em duas direcções diferentes. Será que os outros também falavam? Bem... Orin pensou por dois segundos que talvez se tivesse precipitado ao atirar os outros para longe. De qualquer modo, estava feito.

— Quem sou eu? — a criação repetiu a pergunta.

Orin sentiu pela primeira vez o que era o embaraço por não se lembrar imediatamente de um nome para lhe chamar. Afinal, a criação ainda não saíra como pretendia. Algo imperfeita. Não era bem imperfeita. Apenas mal acabada.

— Quem sou eu?

Orin começou a aborrecer-se por ter criado o primeiro chato da existência, e voltou a murmurar palavras irritadas. ... *as minhas nádegas!*

— Quem sou...?

— HOMEM! — respondeu Orin, sem mais paciência.

— Então sou HOMEM! — exclamou a criação, ao olhar para o seu corpo nu.

— Não. Tu és simplesmente *homem*. Apenas eu posso dizer HOMEM — esclareceu Orin com alguma irritação. — Tu não és nada de importante. És apenas uma medida. Nem era bem a ti que eu pretendia criar.

— Então eu fui criado por ti?

O homem olhou para cima, contemplando o rosto de Orin com verdadeiro espanto.

Orin começou a pensar que esse tal de homem foi a primeira das coisas erradas que criou. Começou a desejar não o ter criado. Orin apreciava o sossego anterior de não ter de responder a perguntas.

— Sim, criei-te — respondeu Orin, sem grande importância, como um estudante de arte que desenha uma Vénus coxa e com um seio caído.

Orin ainda desconhecia por completo o significado de *estudante*, mas as frequentes perguntas do homem deixaram a ideia de que *estudante* seria uma forma de vida que se fartaria de fazer perguntas imbecis a quem na verdade não possui grandes respostas para lhe dar. Orin gostou particularmente de se ter lembrado de lembrar da palavra *arte*. Sim, Orin gostou de se lembrar de se lembrar. Foi assim mesmo que Orin pensou. Orin lembrou-se de se lembrar de arte e pareceu-lhe que a arte seria uma coisa divertida por uma razão em especial. Achou que seria uma coisa divertida porque não teria de ser explicada. E depois lembrou-se do homem que acabara de criar e depressa soube que a arte também se tornaria uma coisa aborrecida porque esse tal de homem não se fartaria de a tentar explicar. Orin olhou novamente para a sua criação e cada vez mais lhe apeteceu atirá-la para longe. Quando já se preparava para o fazer lembrou-se do que poderia ser uma Vénus, e por que razão seria errado ter um seio descaído. Afinal, o que era isso de *seio*? Orin não soube imediatamente, mas pareceu-lhe que *seio* seria uma forma demasiado agradável para se deixar descaída em qualquer corpo.

— Então quem és t...?

Orin varreu o homem da areia da praia com uma valente estalada, antes de o deixar acabar a sua pergunta, e atirou-o para longe, algures sobre o

mar. As perguntas do homem aborreciam Orin. Se o homem tivesse acabado a sua pergunta teria deixado Orin numa situação delicada. Orin ainda não sabia verdadeiramente quem era. Seria no mínimo constrangedor se Orin tivesse de admitir a sua falta de conhecimento diante da sua obra falante, que antes era uma bola de areia.

Bola de areia. Orin apertou uma mão-cheia de areia molhada e fez outra. Desta vez, decidiu juntar-lhe um pouco da sua saliva para que a argamassa primordial obedecesse melhor às suas mãos. Uma esfera perfeita. Sim. Foi isso mesmo que Orin pensou. Uma esfera perfeita. Dessa forma apenas poderia surgir outra forma igualmente perfeita. Orin gostou tanto dessa sua bola de areia perfeita que a apoiou sobre o seu ventre e se encostou para trás na areia da praia, a admirá-la. Orin sentiu uma satisfação tão grande pela sua criação, e ficou tanto tempo a admirá-la sobre o seu ventre, que nem deu conta de que o calor do Sol começou a secar a bola de areia. Orin não deu conta porque sentiu tal satisfação pelo seu feito que acabou por se deitar completamente para trás, a olhar para o céu. A sua primeira criação. O céu trouxe-lhe enorme satisfação. Tal como a sua bola de areia perfeita. Enquanto Orin contemplava o céu, a bola de areia secou completamente e começou a estalar e a desfazer-se. Orin sentiu o escorrer da areia seca sobre o seu ventre e ergueu-se em sobressalto. Logo decidiu que erguer-se em sobressalto não era uma coisa boa. O coração não gostava. A bola desfez-se por completo. Sobre o ventre de Orin apenas um outro corpo restava. Um corpo semelhante ao do homem. Mas com seios. Orin soube imediatamente que *aquelas coisas* só podiam ser seios. Orin achou o seio uma coisa bonita. E aquela forma tinha dois. Imediatamente, Orin considerou aquela a sua segunda melhor criação, logo a seguir ao sorriso. *Sua?* Verdadeiramente *sua?* Orin deu por si a questionar-se quanto à verdadeira autoria daquela criação. Orin apenas criara a esfera perfeita. O calor do Sol é que libertara aquela forma do interior da esfera. Orin considerou que uma criação tão perfeita não podia ser atribuída senão à sua própria criatividade. Pois, mesmo que tenha sido o Sol a dar o toque final, foi Orin que criou o Sol. Desse modo, a criação desta nova forma era também uma criação sua, mesmo que indirectamente.

— Olá! — disse, com um sorriso, a nova forma com seios de cima do ventre de Orin.

Orin gostou imediatamente da voz dessa nova forma. E gostou ainda mais que essa nova forma lhe falasse a sorrir. O homem não lhe tinha

sorrindo. E Orin gostou também que a nova forma não lhe tivesse feito logo uma qualquer pergunta.

— mulher... — sussurrou Orin, com uma satisfação que raras vezes viria a experimentar até a 'O Fim de Tudo.

— Eu sei — respondeu a nova forma acabada de baptizar.

— Sabes?! — Orin interrogou-se e exclamou-se ao mesmo tempo, como se tivesse antes sido a sua forma acabada de ser criada.

— Desde que o primeiro grão de areia se juntou ao segundo — afirmou a nova forma com a naturalidade de todas as coisas que são efectivamente naturais.

Nesse momento, Orin percebeu que a mulher sempre saberia das coisas sem ter de fazer perguntas. Orin inventou imediatamente a expressão *intuição feminina* para explicar essa estranha e inexplicável fonte de sabedoria inesgotável.

— Tal como sei que me faz falta o homem — acrescentou a mulher.

Orin não teve uma grande certeza em relação à afirmação da mulher, e percebeu logo que essa tal de *intuição feminina* não seria um método completamente infalível.

— Tens a certeza? — perguntou Orin, com completa falta de satisfação na voz.

— Não — respondeu a mulher, com um encolher os ombros. — Mas é o que sinto.

— Mas o homem é um chato! — avisou Orin, em tom de protesto.

— Então será o *meu* chato — aceitou a mulher.

Orin acenou negativamente com a cabeça. Nesse momento, Orin soube que a imperfeição de uma coisa perfeita seria sempre exterior à sua forma. Foi com desapontamento que Orin aceitou convencer-se de que a mulher, afinal, tinha um defeito. A sua necessidade do homem.

Orin murmurou algumas palavras aborrecidas. Algo acerca de dever ter criado antes o bacalhau, os ovos e o milho, que esses, ao menos, ainda dariam para fazer pataniscas. Orin acenou novamente com a cabeça.

— Bem, eu destruí o homem — disse Orin, com a certeza de que tinha tomado a decisão correcta.

— Cria outro — pediu a mulher, com a simplicidade de quem sorri com verdadeira vontade.

Orin lamentou aquele pedido, pois era quase impossível resistir ao sorriso da mulher.

— Não o vou criar — disse Orin. — Se o destruí antes foi com intenção de não voltar a criá-lo depois.

Orin tirou a mulher de cima do seu ventre e colocou-a na areia da praia.

— Mas se tens o poder de criar vida só tu o podes criar para mim — rogou a mulher, esquecendo-se de sorrir.

Orin sentiu o pior dos desconfortos que sentira até então. Orin sentiu a culpa de ter entristecido a mulher.

— A minha palavra será sempre única e indiscutível — afirmou Orin. — Não o criarei novamente. Concedo-te a dádiva das minhas mãos. Se queres assim tanto o homem, que tu mesma o faças nascer.

Orin olhou o corpo nu da mulher e tocou-lhe no ventre com a ponta do dedo indicador. A mulher sentiu um espasmo que lhe revolveu as tripas, e as suas mãos apertaram o próprio ventre. O seu corpo pareceu-lhe mais pesado e estranho, e ela caiu de joelhos na areia molhada e tombou para o lado.

Enquanto a mulher se fechou sobre si mesma, de joelhos encostados ao rosto, Orin soube imediatamente que aquela seria a posição da vida. Não se lembrou logo da palavra *fetal*, porque verdadeiramente ainda não tinha existido nenhum feto.

— Dói! — gritou a mulher.

A mulher mordeu os lábios e gritou mais.

— Escolheste ter o homem para ti — disse Orin, com verdadeira tristeza na voz. — Mas o homem é uma escolha errada. Eu sei. Criei-o.

— Mas é a *minha* escolha! — respondeu a mulher, em sofrimento. — QUERO-O!

Orin suspirou de desilusão.

— Então sofrerás sempre para o teres — entristeceu-se Orin. — Porque haverá sempre sofrimento nas decisões erradas.

A mulher gritou mais. Queimava-a por dentro uma dor que não compreendia. Que não queria. Os seus joelhos afastaram-se da cabeça e sentiu a sua barriga crescer. O homem que desejava crescia dentro de si. Carne da sua carne. Sangue do seu sangue. Corpo do seu corpo. Dela para ela.

— DÓI! — gritou a mulher, como um animal que não compreende a dor do seu ferimento.

Orin soube que também teria de criar os animais e que, a esses, os desproveria de intelecto e emoções complexas para que não sofressem ainda mais com as suas dores.

— Assim o quiseste! E é isso que o homem sempre será para ti. Dor.

Orin disse estas palavras e começou a chorar. Também para si, o homem já significava dor. Pois, para Orin, ver a mulher sofrer tornou-se o tormento mais pesado. E tudo por causa do homem.

Orin olhou o corpo da mulher deitado de lado sobre a areia, fechado sobre a barriga, e decidiu que o sofrimento da sua decisão de querer o homem para si já havia durado o suficiente. Orin olhou para o mar. Para longe. Na direcção em que tinha atirado o homem. O homem ficou a fazer parte do mar. Orin agitou o ar, fez subir uma onda sobre a praia e banhou o corpo da mulher. Quando a água escorreu da areia da praia e do corpo da mulher, de volta ao mar, a mulher já não se agarrava à sua barriga mas sim ao homem que desejava.

Orin olhou os dois corpos abraçados. Dois seres profundamente entrelaçados um no outro. Dois como se fossem um. Orin sentiu vergonha pela primeira vez. Vergonha de sentir ciúme. Orin não sentiu ciúme da mulher. Nem do homem. Orin sentiu ciúme de ambos. Pois ambos se tinham um ao outro e Orin não tinha ninguém.

— Obrigada! — agradeceu a mulher a Orin, com um sorriso, mesmo depois de todo o sofrimento.

O homem limitou-se a olhar estupidamente para Orin, e mais estupidamente ainda para a mulher.

— A próxima vida que fizeres nascer vai doer-te nove vezes mais.

Orin disse estas palavras tristes e caminhou para a água, até desaparecer nas profundezas do mar. Foi nesse preciso momento que Orin se apercebeu de que era omnisciente. Pois mesmo sem ter visto nem sentido, Orin soube que a mulher continuou a sorrir abraçada ao homem.



O autor

O autor só fala de si mesmo na terceira pessoa quando tem de falar do autor ou, é claro, quando pratica a extraordinária arte da feitiçaria imaginativa — há quem lhe chame *Escrita*. Se houvesse na minha vida lugar para gatos, teria dois e um seria um *Gremlin* disfarçado. Tenho um furão e uma hiena — ambos imaginários.

Outros contos do autor

Z

[Legado Vermelho](#)
[A Linha Recta do Corvo](#)
[Coração Atómico](#)

Ligações

[Smashwords](#)
[Facebook](#)